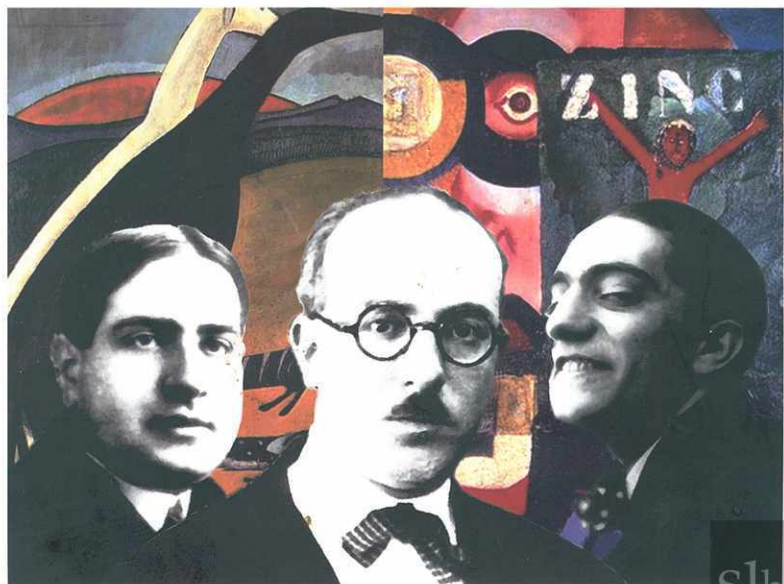


DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINH-O

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luis Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luis Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt



DICIONÁRIO
DE
FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINH-O

S|hi

de figurar como director do *Portugal Futurista*. Ainda em 1916, são traduzidos manifestos do Futurismo no jornal *O Dia*. Em 1917, ano culminante, são lidos manifestos futuristas italianos e um português, o *Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX*, de Almada, na Conferência Futurista que tem lugar no Teatro República, em Abril, os mesmos publicados depois no número único do *Portugal Futurista*, em Novembro. A revista é quinze dias depois apreendida pela Polícia, preocupada com os bons costumes. Um *Ultimatum* de Álvaro de Campos parece ter contribuído em boa parte para esse acto de força, pois exhibe um «MERDA!» gritado em maiúsculas contra toda a autoridade estabelecida. Também *Mima-Fatixa* é um poema de Almada com culpas no cartório repressivo, pois exalta uma Salomé desbragada em último grau. Outro texto futurista é ainda *Saltimbancos (Contrastes Simultâneos)*, em que Almada escreve sem pontuação uma narrativa que termina explodindo em onomatopéias. O *Portugal Futurista* tem, ainda, nada menos de dois artigos sobre Santa Rita Pintor, marcando o seu lugar central na cena, o primeiro deles a abrir o número e acompanhado de uma fotografia sua de página inteira, o segundo de Raul Leal, em francês, apelidando a sua obra de «géniale». Ainda em 1917, Almada publica dois livros. Um, que é uma obra-prima do Futurismo português, *K4 O Quadrado Azul*, dedicado a Amadeo de Souza-Cardoso, datado de «Lisboa 1917 Europa modelo 1920» e dando exemplo da imaginação em liberdade. Outro, *A Engomadeira*, datado de 1915, próximo de uma espécie de versão surrealista do Interseccionismo.

Em 1918 morrem Santa Rita Pintor (que pede para queimarem os seus quadros) e Amadeo. Em 1919 Almada Negreiros vai para Paris. Mas o Futurismo só acaba em 1921, com a publicação de *Nós*, de António Ferro, último sobressalto da fúria de manifestos de 1916 e 1917. Nesse instante, Almada, que aliás sempre mantivera zonas de trabalho diferentes, emerge em 1921 dessa cacofonia belicosa com *A Invenção do Dia Claro*. Em 1921 trancrevem-se no *Diário de Lisboa* intervenções de Raul Leal e de Almada Negreiros que aparecem associadas pelo jornal ao Futurismo, mas que já nada têm a ver com essa corrente — que para Raul Leal nunca foi senão uma referên-

cia longínqua. O mesmo António Ferro profere em 1922, no Brasil, a conferência *A Idade do Jazz-Band*, que, do mesmo modo, já não pertence ao Futurismo nem a nenhuma Vanguarda em particular. A própria mutação do manifesto em conferência é disso um sinal.

BIBL.: ALVARENGA, Fernando, *A Arte Visual Futurista em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Notícias, 1984; GUMARÃES, Fernando, *Artes Plásticas e Literatura*, Porto, Campo das Letras, 2003; NEVES, João Alves das, *O Movimento Futurista em Portugal*, 2.ª ed., Lisboa, Dinalivro, 1987.

Fernando Cabral Martins

FUTURISMO SAUDOSISTA. Pessoa teve intensa participação no Modernismo português. Seu amigo Sá-Carneiro enviava-lhe notícias das vanguardas parisienses e, estimulado por esse diálogo epistolar, o poeta concebeu vários movimentos literários originais: o «Paulismo», o «Interseccionismo», o «Sensacionismo». Em 1915, os dois poetas criaram e animaram a revista *Orpheu*, na qual o modernismo português esboçou seus primeiros passos.

O Futurismo português foi apenas um episódio da renovação artística no País. Iniciou-se com uma «sessão futurista» no Teatro República de Lisboa, no dia 14-5-1917, e findou com a publicação da revista *Portugal Futurista*, que teve um único número, em novembro do mesmo ano, e foi logo apreendido pela polícia. As propostas futuristas já eram conhecidas em Portugal desde 1909, quando o jornal *Diário dos Açores* publicou o primeiro manifesto de Marinetti. E em 1916, outro jornal, *O Heraldo* de Faro, publicava uma «página futurista».

O conteúdo do número único de *Portugal Futurista* era, essencialmente, a tradução e a glosa dos principais manifestos futuristas italianos, além da publicidade daquele que se apresentava como o interlocutor português de Marinetti, o artista plástico Santa Rita Pintor. Mas o número trazia duas colaborações notáveis: a prosa vertiginosa de Almada Negreiros (*Saltimbancos — Contrastes Simultâneos*) e um manifesto assinado por Álvaro de Campos, *alter ego* daquele que, pela grandeza de seu gênio, estaria associado a todos os *ismos*, ultrapassando-os todos. Pessoa «ele mesmo» e Sá-Carneiro, já falecido, também figuravam na revista.

Se olharmos de perto a contribuição de Pessoa nessa publicação, veremos que ela apresenta aspectos peculiares e ambíguos. Primeiramente, não se trata de uma adesão incondicional ao Futurismo. Contrariando os decretos de Marinetti, que já havia «matado o luar», o ortónimo aí publica um decadente *Plenilúnio*, e ainda insiste no tema lunar em outros quatro poemas: *Saudade Dada*, *Pierrot Bêbado*, *Minuete Invisível* e *Hiemal*. São poemas tipicamente decadentistas, de «nevoentos desencantos» e rosas vaporosas «nadas da hora lunar».

É por delegação a Álvaro de Campos, cosmopolita e novidadeiro, que ele parece aderir ao Futurismo. Mas o próprio Campos não é um fiel seguidor de Marinetti. Um rápido exame do *Ultimatum* é suficiente para que concluamos que este, de futurista, só tem a cara tipográfica. São grandes as divergências entre Campos, de um lado, e Marinetti-Almada Negreiros, do outro. Campos é fiel a certos princípios do Futurismo, como a rejeição de todo o academismo artístico e a própria adopção do género «manifesto», com tudo o que este comporta de insolência, de radicalidade e de terrorismo verbal. Mas acerca de pontos cruciais Campos diverge de Almada, o qual, em seu próprio *Ultimatum*, permanece fiel a Marinetti.

O *Ultimatum* de Campos é, por seu título, uma alusão ao humilhante *Ultimatum* que a Inglaterra dirigira a Portugal em 1890. O texto é um «mandado de despejo» geral, decorrente da constatação de uma «falência dos povos e dos destinos — falência total!». Nenhuma nação, antiga ou nova, escapa a essa crítica. Os países do Velho Mundo, assim como os Estados Unidos da América e o Brasil merecem, a seu ver, ser fechados à chave e que se deite a chave fora.

O Futurismo marinettiano era, antes de tudo, uma recusa radical do passado: «Para os moribundos, para os inválidos e para os prisioneiros ainda vai. É talvez um bálsamo para suas feridas o admirável passado, desde que o seu futuro é interdito... Mas nós não o queremos, nós, os jovens, os fortes e os vivos futuristas!» (*Primeiro Manifesto*). Campos, diferentemente, recusa um presente a seu ver falido, em nome de um passado que foi melhor e cuja grandeza cumpre recuperar: «Onde estão os antigos, as forças, os homens, os guias, os guardas?» É o «agora»,

cuja miséria ele enumera, que o enoja e sufoca; é a falta de grandes homens e de grandes projectos que ele denuncia.

Da mesma forma que a política, a estética contemporânea parece-lhe falida: «Nem uma corrente literária que seja sequer a sombra do romantismo ao meio-dia!» O desprezo de Campos atinge explicitamente os contemporâneos, inclusive os chefes das vanguardas: «todos vós que sois literatos *meneurs* de correntes europeias [...] Passai vós, que sois autores de correntes literárias, de correntes artísticas [...] Passai, frouxos que tendes a necessidade de serdes os istas de qualquer ismo!».

Contrariamente a Marinetti (e a Almada), Campos não faz a apologia da guerra. Enquanto Marinetti propunha «glorificar a guerra — única higiene do mundo», Campos incluía-a no conjunto das misérias do presente: «Agora é a guerra, jogo do empurra do lado de cá e jogo de porta do lado de lá!». Manifesta a sua repugnância por ela e, implicitamente, pelos belicistas: «Vem tu finalmente ao meu asco, roça-te tu finalmente contra as solas do meu Desdém, *grand finale* dos parvos, conflagração-escárnio, fogo em pequeno monte de estrume, síntese dinâmica do estatismo ingénito da Época. Roça-te tu e roja-te, impotência a fazer barulho! Roça-te, canhões declamando a incapacidade de mais ambição que balas, de mais inteligência que bombas!»

E depois de uma grande exclamação «futurista» («MERDA!»), o que Campos propõe para o futuro é uma retomada da grandeza passada: «Dai Homeros à Era das Máquinas, ó Destinos científicos! Dai Miltons à Época das Coisas Eléctricas, ó Deuses interiores à Matéria!» Ora, Marinetti, seguido por Almada, propunha exactamente o oposto: que se abandonasse «a ridícula sintaxe herdada de Homero», que se esquecessem os grandes nomes do passado, substituindo-os pelos de cientistas e inventores modernos.

Entre as propostas do *Ultimatum*, figura a «abolição do dogma da personalidade». Poderíamos crer que se trata de uma concordância com a destruição do «eu» proposta por Marinetti. Mas, enquanto para o futurista italiano trata-se de abolir o indivíduo, porque a matéria interessa mais do que o homem, para Campos, trata-se da multiplicação das virtualidades subjectivas de cada homem. É importante sublinhar essa oposi-

